



O ANTILIRISMO AMOROSO DE AUGUSTO DOS ANJOS

Isaque Coelho Cavalcante (UFPI) ¹

Resumo: O presente artigo investiga o processo estilístico de elaboração da temática do amor romântico na poesia de Augusto dos Anjos. Na obra *Eu e outras poesias*, publicada pela primeira vez em 1928, que reúne toda a produção literária do poeta, o tema do amor romântico é apresentado conforme uma construção antilírica no plano formal e conteudista, distanciando-se do sentimentalismo exacerbado, comum na poesia brasileira até a aparição de tal livro. Para o procedimento analítico, foram selecionados como *corpus* os poemas *Versos de amor*, *Idealismo* e *Queixas Noturnas*. Confronta-se as análises realizadas com as ideias presentes em Bosi (2008), Gullar (1995), Helena (1977) Montgomery (1996). Na feitura dos versos analisados, verifica-se um antilirismo no tratamento do amor romântico.

Palavras-chave: Augusto dos Anjos. Amor romântico. Poesia Brasileira.

Abstract: This article investigates the stylistic process of elaborating the theme of romantic love in the poetry of Augusto dos Anjos. In the work *I and other poetry*, published for the first time in 1928, which brings together the poet's entire literary production, the theme of romantic love is presented according to an anti-lyrical construction on a formal and content level, distancing itself from the exacerbated sentimentalism common in Brazilian poetry. until the appearance of such a book. For the analytical procedure, the poems *Love verses*, *Idealism* and *Nocturnal complaints* were selected as *corpus*. The analyzes carried out are compared with the ideas present in Bosi (2008), Gullar (1995), Helena (1977) Montgomery (1996). In the creation of the analyzed verses, there is an anti-lyricism in the treatment of romantic.

Keywords: Augusto dos Anjos. Romantic love. Brazilian Poetry.

1. Introdução

A história da literatura brasileira ao longo do tempo demonstra que a temática do amor romântico quase sempre foi apresentada, seja na poesia ou na prosa ficcional, de modo romantizado e devaneador, firmado na ideia de fantasia. Durante o desenvolvimento literário do país, a temática amorosa esteve delineada sob o prisma do sentimento exacerbado, no qual o sujeito poético procurava exprimir seus impulsos subjetivos frente ao objeto amado.

Exemplo típico dessa tendência são as composições poéticas presentes no decorrer de desenvolvimento da história da literatura brasileira. *Marília do Dirceu*, livro arcadista de Tomás Antônio Gonzaga, a poesia amorosa angustiada de Alvares de Azevedo, poeta pertencente ao

¹ Graduando em Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, na Universidade Federal do Piauí, Teresina, Brasil. E-mail: isaquecavalcante@ufpi.edu.br



Romantismo brasileiro, dentre outros, apontam o tom de lirismo na construção da temática do amor romântico que foi pautado pelo exagero emotivo e partir de idealizações sentimentais.

O poeta paraibano Augusto dos Anjos (1884-1914), contudo, apresentou um procedimento estilístico que determina uma vertente dissonante no tratamento conteudista do tema. Além de ter composto diversos poemas que tratam sobre a morte, o pessimismo, a ironia frente à existência etc., é possível identificar em sua poesia versos referentes ao amor romântico. Quando descreve essa temática amorosa, Augusto dos Anjos (1998) revela uma abordagem que não se afasta por completo da idealização quanto ao ideal de um amor celestial, abstrato, distante da carnalidade corpórea, como nas abordagens que o precederam, mas exprime um olhar de ruptura com a tendência de sentimentalismo hiperbólico da temática através da linguagem e da expressão, demonstrando, ainda, a não idealização da figura feminina.

2. Um poeta pluridimensional

Eu, expandido para *Eu e Outras Poesias* em 1928, é o único livro de Augusto dos Anjos. Apesar disso, mesmo em uma única obra, podemos perceber um poeta complexo, entre a rigidez da forma e a liberdade expressiva. Embora tenha uma construção metrificada e formal em seus versos, quase todos estruturados em sonetos, o poeta se distanciou do tradicionalismo ao exteriorizar conteúdos diversos e com uma linguagem distinta dos estilos em voga no seu tempo, final do século XIX e início do século XX, como o *Parnasianismo e Simbolismo*, por que tenha sofrido influências de ambas as correntes.

O poeta paraibano ofereceu uma nova concepção do fazer poético para a literatura brasileira, aproximando muitas vezes o hermetismo da poesia e a amplitude da realidade cotidiana, com versos nos quais o rebuscamento embelezador dá lugar ao grotesco cinzento, mas que nem por isso deixa de causar deslumbramento e sedução. Segundo Viana (2001), Augusto dos Anjos adotou métodos que revolucionaram a tradição lírica, principalmente na construção de imagens excêntricas produzidas pelo vocabulário advindo da filosofia e da ciência, construídos com ritmos ásperos e distante da suavidade.

O caráter inovador da poesia anjelista está relacionado à forma como o poeta conciliou as inúmeras influências que recebeu. Helena, (1977, p. 18) salienta que várias correntes de pensamento, científicas e literárias ajudaram Augusto dos Anjos a construir seu estilo. Essas



influências facilitaram o poeta ao “diálogo com o novo tempo estético que se anuncia. Pluridimensional: veios românticos, parnasianos, simbolistas – um inusitado diálogo de confluências.” (Helena, 1977, p. 26).

A erudição parnasiana e simbolista somente é percebida no âmbito da aparência, pois a poesia de Augusto dos Anjos inova no escopo de sua estruturação. Augusto dos Anjos estabeleceu uma literatura própria, sendo “um poeta órfão que não se filia a uma escola literária preestabelecida” (Montgomery (1966, p.15). Comprova-se esse ponto de vista em vários de seus poemas, como na primeira estrofe do poema *Psicologia de um Vencido*, da obra *Eu e outras poesias* (1998, p. 5), no qual os vocábulos *carbono*, *amoníaco* e *epigênese* mostram uma aderência ao léxico científico, de difícil compreensão para uma primeira leitura, e que até então não era usual na poesia brasileira.

O mesmo acontece no restante do poema, com o uso de vocábulos inusuais para expressar a amargura do eu lírico diante da vida:

PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Produndissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

Nesse poema, as palavras com teor científico são colocadas em consonâncias com palavras de conotação negativa. As palavras *monstro*, *escuridão* e *rutilância*, ao mesmo tempo que proporcionam um efeito contrastante aos versos, criam uma atmosfera imagética e rítmica sombria para o poema, demonstrando um lirismo intenso e agudo que notabilizou seus versos. Dessa forma, por mais que tivesse o conhecimento de variadas inspirações científicas, literárias





e filosóficas, o poeta conseguiu produzir uma poesia moderna, original à época de seu florescimento poético, que ultrapassou a mera classificação simplista, pois a

[...] modernidade de Augusto dos Anjos revela-se nesse ato de dessacralização até agora não compreendido: no âmbito de sua poesia dele reverencia o léxico repudiado pela estética do “belo”. O vigor de sua linguagem se nutre d’essa necessidade de horroroso /que é talvez propriedade do carbono! (HELENA, 1977, p. 21).

A poética de Augusto dos Anjos (1998) também revela, na maioria das vezes, um discurso dúbio. Entre a melancolia, que expõe um abatimento avassalador, e a hostilidade revoltosa, expressão de raiva incontida, pode-se observar nos sujeitos poéticos uma tensão e dor existencial. A aflição faz com que o eu lírico passe a um conflito com si próprio e com o externo em uma trágica percepção do mundo:

ETERNA MÁGOA

O homem por sobre quem caiu a praga
Da tristeza do Mundo, o homem que é triste
Para todos os séculos existe
E nunca mais o seu pesar se apaga!

Não crê em nada, pois, nada há que trag
Consolo à Mágoa, a que só ele assiste
Quer resistir, e quanto mais resiste
Mais se lhe aumenta e se lhe afunda a chaga.

Sabe que sofre, mas o que não sabe
E que essa mágoa infinda assim não cabe
Na sua vida, é que essa mágoa infinda

Transpõe a vida do seu corpo inerte;
E quando esse homem se transforma em verme
É essa mágoa que o acompanha ainda.
(ANJOS, 1998, p. 47).

A expressão de consciência frente ao absurdo que envolve a impressão de uma realidade que parece ter uma escuridão infinita, adquire força dramática com inserção de metáforas incomuns e desestabilizadoras, onde tudo parece levar o eu lírico para o caminho da infelicidade, como na descrição feita pelo eu poético no poema *Budismo Moderno: (Ah! Um urubu pousou na minha sorte!)*.



A poesia de Augusto dos Anjos expõe uma angústia arraigada na transitoriedade do existir. O sofrimento angustiante é construído pelo viés pessimista, que gera uma descrença frente ao mundo, as pessoas e os sentimentos. Em *História concisa da literatura brasileira*, Alfredo Bosi (1994, p. 289) aproxima a configuração poética do poeta paraibano ao pensamento pessimista do filósofo alemão Artur Schopenhauer, demonstrando que o efeito da filosofia schopenhauriana foi muito mais intenso na poesia de Augusto dos Anjos se comparado aos impactos científicos.

Já não era licito falar em Spencer ou Heackel para definir a sua cosmovisão, mas no alto pessimismo de Arthur Schopenhauer que identifica na vontade de viver a raiz de todas as dores. Fundem-se visão cósmica e desespero radical produzindo esta poesia violenta e nova na língua portuguesa. (BOSI, 1994, p. 289).

3. Amor romântico e a antilírica

Dentro de composições poéticas cruas e ácidas, a temática amorosa aparece revestida pelo pessimismo sarcástico, definido por Bosi (1994). Nos poemas sobre o amor romântico, surge uma impossibilidade de acreditar nesse sentimento na humanidade. Se a visão pessimista contamina a poesia do poeta paraibano, na maior parte dos temas aparecidos em *Eu e outras poesias* (1998), ela também move o olhar dos sujeitos poéticos perante o objeto amoroso.

O sentimento amoroso é notado pelo prisma irônico, como algo maléfico. Além disso, há um elemento cético caracterizador do amor romântico em Augusto dos Anjos. No entanto, o poeta ao mesmo tempo que despreza o amor erótico, mundano e carnal, vislumbra em sua poesia a busca por um amor transcende, idealizado, diferente do amor que envolve apenas o hostil instinto sexual, mostrando, assim, uma duplicidade no que se refere ao amor romântico.

No seu ideário poético do amor, o poeta paraibano sempre mostra uma antítese entre corpo e alma, construído sob uma linguagem estruturada para não ficar presa ao modelo de um lirismo amplificado. O contraste provoca um antilirismo, como percebido em *Versos de Amor*. No poema, o sujeito poético demonstra o caráter ilusório do amor romântico que, em um primeiro momento proporciona prazer, mas no instante seguinte não é suficiente para suprimir o vácuo existencial.

VERSOS DE AMOR



Parece muito doce aquela cana.
Descasco-a, provo-a, chupo-a... Ilusão treda!
O amor, poeta, é como a cana azeda,
A toda a boca que o não prova engana.

Quiz saber que era o amor, por experiencia,
E hoje que, enfim, conheço o seu conteúdo,
Pudera eu ter, eu que idolatro o estudo,
Todas as ciências menos esta ciência!

Certo, este o amor não é que, em anciãs, amo
Mas certo, o egoísta amor este é que acinte
Amas, oposto a mim. Por conseguinte
Chamas amor aquilo que eu não chamo.

Oposto ideal ao meu ideal conservas.
Diverso é, pois, o ponto outro de vista
Consoante o qual, observo o amor, do egoísta
Modo de ver, consoante o qual, o observas.

Porque o amor, tal como eu o estou amando,
É espírito, é éter, é substancia fluida,
É assim como o ar que a gente pega e cuida,
Cuida, entretanto, não o estar pegando!

É a transubstanciação de instintos rudes,
Imponderabilíssima e impalpável
Que anda acima da carne miserável
Como anda a garça acima dos açudes!

Para reproduzir tal sentimento
Daqui por diante, atenta a orelha cauta,
Como Marsyas — o inventor da flauta —
Vou inventar também outro instrumento!

Mas de tal arte e espécie tal fazê-lo
Ambicioso, que o idioma em que te eu falo
Possam todas as línguas decliná-lo
Possam todos os homens compreendê-lo!

Para que, enfim, chegando á última calma
Meu podre coração roto não role,
Integralmente desfibrado e mole,
Como um saco vazio dentro d'alma!
(ANJOS, 1998, p. 37)

A primeira estrofe do poema *Versos de Amor* mostra o apuro formal dos decassílabos de um poeta regido por noções parnasianas, com rimas perfeitas e cruzadas, mas que faz a utilização de metáforas consideradas esdrúxulas pela estética tradicional de sua época, comparando o amor com a cana amarga, para descrever a desilusão do eu lírico com relação ao



sentimento amoroso. A utilização da imagem canavieira demonstra uma abordagem antilírica do objeto amado, destituído da feição sentimentalista. A doçura do amor, portanto, para o sujeito poético, inexistente, visto que a posição pessimista conduz uma reflexão descrente.

Na segunda estrofe, o eu lírico se mostra arrependido de ter conhecido o conteúdo frágil e egoísta do sentimento amoroso: (*Parece muito doce aquela cana. / Descasco-a, provo-a, chupo-a... ilusão trega! / O amor, poeta, é como a cana azeda, A toda a boca que o não prova engana. // Quis saber que era o amor, por experiência, / E hoje que, enfim, conheço o seu conteúdo, / Pudera eu ter, eu que idolatro o estudo, / Todas as ciências menos esta ciência*).

Na quinta e na sexta estrofe do mesmo poema, o eu lírico tenta fugir da concepção do amor que ele demonstra arrependimento de ter conhecido nas duas primeiras estrofes, sentimento falso, no qual existe somente a efemeridade do corpo e a finitude sexual. Tendo a humanidade um amor no qual só é possível ter um encontro *amargo*, de sabor ruim, o sujeito poético se vê obrigado a construir um outro tipo de amor.

Portanto, procura descrever sua definição de amor, noção que aparece no poema significando imaterialidade e permanência. O novo amor criado seria um sentimento de alma, fluido e espontâneo, que consegue converter a rudeza da carne em algo sublime, autônomo em relação à materialidade corpórea, típica do amor que aparece nas estrofes anteriores: (*Porque o amor, tal como eu o estou amando, / É Espírito, é éter, é substância fluida, / É assim como o ar que a gente pega e cuida, / Cuida, entretanto, não o estar pegando! / É a transubstanciação de instintos rudes, Imponderabilíssima e impalpável, / Que anda acima da carne miserável / Como anda a garça acima dos açudes!*).

O amor romântico antilírico é característico na poesia de Augusto dos Anjos. Além das palavras que se distanciam do tratamento temático pelo lirismo do belo-sentimental, como imagens idealizadas, o poeta paraibano traz o feio-pessimista para a exposição do tema, particularizado quase sempre pela ironia, um sarcasmo mordaz do eu lírico, pelo discurso seco e questionador sobre o tema, o que distancia Augusto dos Anjos de seus contemporâneos.

Ao tratar o amor romântico de modo antilírico, Augusto dos Anjos se aproxima da poesia do *Modernismo* brasileiro, porque “conduz a expressão verbal, como também o rompimento com a concepção de literatura acadêmica, o que o situa, a meu ver, na poesia que se fará no Brasil depois do movimento de 22” (GULLAR, 1995, p. 26). Assim, a perspectiva inovadora em vários segmentos poéticos liga o poeta paraibano a nomes como Manuel Bandeira, Mário de Andrade, João Cabral de Melo Neto, por exemplo, fazendo-o ter distância, no trabalho com



a linguagem e na expressividade de temas que sua poesia traz, de seus contemporâneos Olavo Bilac, Cruz e Sousa, Francisca Júlia e outros.

Essa modernidade pode ser vista no poema *Idealismo*. A temática do amor romântico se estrutura a partir de um tom irônico, que aparece em frases exclamativas. A aplicação irônica emprega um efeito rítmico de inquietação para os versos. A pontuação serve, ainda, para o ceticismo do eu lírico ganhar força, demonstrada pelo uso da interrogação:

IDEALISMO

Falas de amor, e eu ouço tudo e calo!
O amor da Humanidade é uma mentira.
É. E é por isso que na minha lira
De amores fúteis poucas vezes falo.

O amor! Quando virei por fim a amá-lo?!
Quando, se o amor que a Humanidade inspira
É o amor do sibarita e da hetaíra,
De Messalina e de Sardanapalo?!

Pois é mister que, para o amor sagrado,
O mundo fique imaterializado
— Alavanca desviada do seu fulcro —

E haja só amizade verdadeira
Duma caveira para outra caveira,
Do meu sepulcro para o teu sepulcro?!
(ANJOS, 1998, p. 18)

Mais uma vez é possível notar a presença de imagens cortantes, destituídas de camadas líricas. A construção imagética antilírica é criada pela comparação entre o amor da humanidade e os prazeres físicos e sexuais, na figura das *Hetaíras*, versos que reafirmam mais uma vez o olhar radical do poeta para a temática: (*Falas de amor, e eu ouço tudo e calo! / O amor da Humanidade é uma mentira. / É. / E é por isso que na minha lira / De amores fúteis poucas vezes falo. // O amor! Quando virei por fim a amá-lo?! / Quando, se o amor que a Humanidade inspira / É o amor do sibarita e da hetaíra, / De Messalina e de Sardanapalo?!).*

Nos versos de Augusto dos Anjos sobre o amor romântico também podemos perceber a não idealização da figura feminina, que praticamente não aparece. Desde o início da poesia brasileira, a mulher teve uma idealização sobre si. A compreensão da figura feminina enquanto musa, deusa, salvadora etc., esteve fixada nos versos de poetas anteriores a Augusto dos Anjos. Com o poeta paraibano, essa lógica muda, demonstrando mais um movimento peculiar de uma poesia centrada na reforma conteudista do tema.



Comparando alguns versos de Augusto dos Anjos com um de seus contemporâneos, o poeta simbolista Alphonsus de Guimaraens (1870-1921), situado no mesmo contexto histórico do poeta paraibano, notamos uma contraposição do conteúdo. O tratamento da temática é opositivo, uma vez que o poeta simbolista expressa uma idealidade feminina que não é recorrente na poesia de Augusto dos Anjos.

Os versos de ambos os poetas se encontram estruturados dentro de sonetos, formalmente metrificados, mas distanciam-se tanto na maneira estilística de abordar o amor como na imagem construída sobre a mulher. Na estrofe de um dos sonetos de Alphonsus de Guimaraens, do livro *Pastoral aos crentes do amor e da morte* (1923), com ritmo leve e suave, o eu lírico aparece exaltando e devaneando sobre uma mulher, incomparável com nenhuma outra: (*Resumes para mim todas as Lauras / E Natercias e pálidas Beatrizes... / Vaes seguindo ao ciclar brando das auras / Doce consolo astral dos infelizes // Nos romances de amor existem Gauras / Meigas Marílias, sedutoras Nizes: / Nenhuma como tu, que me restauras / O peito em ruína ao som do que me dizes*).

Já nos versos da décima terceira estrofe do poema *Queixas Noturnas* de Augusto dos Anjos (1998, p. 48) a figura da mulher não é vista como a salvadora da tristeza ou a musa que inspira uma espécie de paz, como nos versos do poeta simbolista. Pelo contrário: o eu lírico de modo afirmativo, sem amenidade, enuncia que nas suas histórias amorosas sempre existiu a impossibilidade de amar uma mulher e também de ser amado por ela: (*Sobre histórias de amor o interrogar-me / É vão, é inútil, é improficuo, em suma; / Não sou capaz de amar mulher alguma / Nem há mulher talvez capaz de amar-me*).

4. Considerações Finais

Augusto dos Anjos trouxe uma renovação para o tratamento sobre a temática amorosa. Nos poemas *Versos de Amor e Idealismo*, percebe-se uma forma inovadora de abordar o objeto amoroso. Com o poeta paraibano, o amor romântico passa a ser antilírico, elaborado por uma linguagem própria, que rompe com o padrão baseado no exagero sentimental.

Além disso, como observado nos versos de *Queixas noturnas*, o amor romântico na poesia do poeta não representa o feminino a partir de consideração idealizadoras, conseguindo ser original e expressivo também nesse sentido. Formalizando um lirismo que instiga, portanto, o poeta paraibano deixa ecoar o vanguardismo na sua representação poética do amor.



Assim como o tema do amor romântico, os demais eixos temáticos tratados com seu estilo duro e inconfundível, o vocabulário entre a abstração, o coloquial e a materialidade científica, sua linguagem multifacetada e plurissignificativa, as imagens hipnotizantes que permeiam seus versos e o ritmo espesso são aspectos que colocam Augusto dos Anjos como um dos mais importantes poetas brasileiros, fazendo sua leitura ser imprescindível.

5. Referências

- ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- GUIMARAENS, Alphonsus de. **Pastoral aos crentes do amor e da morte**. São Paulo: Monteiro Lobato & cia, 1923.
- GULLAR, Ferreira. **Toda Poesia de Augusto dos Anjos**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- HELENA, Lúcia. **A Cosmoagonia de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.
- MONTGOMERY, José Vasconcelos. **A poética carnavalizada de Augusto dos Anjos**. São Paulo: Annablume, 1996.
- VIANA, Chico. As múltiplas faces do EU, de Augusto dos Anjos. In: **Ribeiro Neto, Amador (org). literatura na universidade: ensaios**. João Pessoa: Ideia, 2001. p. 33 – 53.